

O RESGATE DE UMA PRÁTICA PEDAGÓGICA SIGNIFICATIVA EM LEITURA E PRODUÇÃO DE TEXTOS NO 6º ANO E NO 7º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

PROF^a MS. MARIA DE FÁTIMA DA SILVA; PROF^a Dr^a ANA MARIA DA COSTA SANTOS MENIN (UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JÚLIO MESQUITA – CAMPUS PRESIDENTE PRUDENTE),

EIXO: PROJETOS E PRÁTICAS DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

RESUMO

A leitura e a produção textual têm sido alvo de grandes discussões por parte de educadores que atribuem o fracasso escolar ao aluno pelo fato de não saberem ler e escrever. O que sabemos é que a leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de significados do texto, através dos seus objetivos, do conhecimento prévio. A leitura continuada e significativa leva o leitor a escrever com mais eficiência, pois a possibilidade de produzir bons textos tem sua origem na prática da leitura, espaço da construção de intertextualidade e fonte de referências modelizadoras. O presente estudo resulta de uma pesquisa de mestrado em Educação, na Unesp de Presidente Prudente, na linha de pesquisa: Formação de Professores. A observação cotidiana das salas de aula e do contexto escolar contribuiu para aprofundar o estudo das relações entre leitura e produção textual; verificar instrumentos de leitura e produção textuais utilizados na sala de aula de 5ª série (agora 6º ano, nova nomenclatura) e na 6ª série (7º ano), em uma Escola Estadual na D. E de São José do Rio Preto; e observar se tais instrumentos corroboram para a formação eficiente de alunos leitores e escritores. Foram utilizados para a coleta desses dados: questionários aplicados a professores, alunos e uma bibliotecária; observação em sala de aula e análise documental. Ao final da pesquisa, constato que ninguém escreve do nada, que os instrumentos de leitura utilizados em sala de aula colaboram para a formação eficiente de alunos leitores e escritores, desde que essas atividades sejam planejadas e que os professores obtenham conhecimentos teóricos - metodológicos sobre o assunto.

Palavras – chave: leitura, produção textual, prática pedagógica.

INTRODUÇÃO

A escola precisa de uma reflexão muito mais fundamental, precisa entender o que é leitura, só então, será fácil e frutífero escolher. Acho possível provocar nos professores e pais uma tomada de consciência sobre o que é leitura, a partir de sua prática, para derrotar falsas noções que continuam sendo utilizadas como referências para ação educativa escolar e familiar.

Foucambert

A leitura e a produção textual vêm sendo, no decorrer das últimas décadas, temas privilegiados de reflexão e análise. Mesmo no século XXI, com a revolução tecnológica invadindo a maioria dos lares brasileiros com muitas informações, continuamos com o pé nos problemas do século passado: lendo pouco e escrevendo menos ainda. Constata-se em pesquisas como as de Kaufman (1995), Geraldi (1984),

Silva (2003), entre outros, que após a permanência por anos a fio na escola, um número significativo de alunos não compreende o que lê, não faz relações entre as múltiplas informações que recebe, tem dificuldade em interpretar, em apropriar-se do conhecimento oferecido pela leitura. Conseqüentemente, comprometendo-se no desenvolvimento da criticidade e a qualidade de suas produções escritas. Educadores atribuem o fracasso do aluno ao fato de não saberem ler e escrever. É unânime a reclamação de que os alunos não gostam de ler e que, ao escreverem, frequentemente, fazem narrações que não contam histórias; textos expositivos que não expõem idéias; textos argumentativos que não defendem pontos de vista algum, contradizendo de forma assustadora, o grande objetivo a ser atingido pela escola no ensino de língua materna: o domínio real da linguagem escrita e da leitura, demonstrado pelo sujeito que sabe usá-la nos diversos contextos sociais para interagir com os outros.

Diversos estudos e pesquisas fizeram nos perceber que ler deixa de ser entendido como um ato de decodificação dos signos verbais, passando a ser o processo de produção de sentidos. Segundo Freire (2008) leitura de mundo e leitura das palavras dialogam, o ato de ler não se esgota na decodificação da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas se antecipa e se alonga na inteligência do mundo. Não basta mais ensinar os alunos a decodificarem letras, palavras, é preciso que eles construam significados a partir de conhecimentos já existentes, compreendam, façam uma leitura revolucionária, questionadora.

1. A LEITURA E A PRODUÇÃO DE TEXTOS EM QUESTÃO: A ANÁLISE

Este trabalho é resultado de uma pesquisa concluída em 2010, com o objetivo principal de investigar as relações entre leitura e produção textual e a verificação dos instrumentos (livros, textos diversificados, imagens, jornais) utilizados por dois professores em “Leitura e Produção textual”, nas salas de aulas, nas 6^{as} e 7^{as} anos de uma Escola Estadual da Diretoria de Ensino de São José do Rio Preto, e ainda, como objetivo específico e de observar se tais instrumentos e o contexto escolar corroboram para a formação de alunos leitores e escritores. Entendo aqui como contexto, o ambiente de aprendizagem como um todo.

Penso a sala de aula permeada pela interação professor/aluno, aluno/aluno, um ambiente, onde haja a réplica (troca de dizeres), o olho no olho. Além dessa interação, o contexto em sala de aula deve ser repleto de materiais que proporcionem o estímulo da leitura e da produção de textos, pois segundo Geraldi (1997) por mais ingênuo que possa parecer, para produzir um texto de qualquer modalidade, é preciso que:

- a) tenha o que dizer;

- b) tenha uma razão para dizer o que se tem a dizer;
- c) tenha para quem dizer o que se tem a dizer;
- d) o locutor se constitua como tal, como sujeito que diz o que diz para quem diz;
- e) escolham as estratégias para realizar (a),(b), (c), e (d).

As observações em sala de aula, a análise de questionários e das produções de textos, me ofereceram subsídios para a iniciativa no que concerne ao trabalho com a leitura e produção de textos e a formação de professores, em busca de uma resposta positiva para o questionamento inicial desta pesquisa: Até que ponto atividades de leituras produção de textos, em sala de aula, favorecem a formação do aluno leitor e produtor?

Nas duas salas de aulas observadas e nos documentos analisados, percebi uma grande distância entre a realidade e o aporte teórico estudado por mim.

Senti a falta de uma estratégia de leitura que muito poderia colaborar com o trabalho em sala de aula, pois segundo Solé (1998), utilizando-se estratégias fica mais fácil a compreensão do texto pelo aluno e se, no andamento da leitura, o professor perceber algum erro, pode utilizar essa estratégia para corrigi-lo. Ainda segundo Solé (1998), o processo de leitura deve garantir que o leitor compreenda o texto e que pode ir construindo uma idéia sobre seu conteúdo e extraindo dele o que lhe interessa em função de seus objetivos. Isto só pode ser feito mediante uma leitura individual, que permita o avanço, o retrocesso, parar, pensar, recapitular, relacionar a nova informação com o conhecimento prévio.

Quanto à produção de textos, as professoras mantêm ainda a concepção de “redação”. Em uma das salas, apenas um título na lousa, sem interlocução nem intervenção: “Um dia interessante”. Não havendo interlocução nem leitura significativa na sala de aula, o aluno não tinha o que dizer, a quem dizer, o porquê dizer, noções básicas para se escrever como afirma Geraldi (1997). Contrariando sua resposta no questionário quando fala de produção de textos, da importância da leitura nesse processo e comentários sobre a estrutura da narrativa, foco de minhas observações nas produções de textos.

Na outra sala, nas primeiras aulas , observei que houve interesse pelo assunto, discutiam, relatavam, falavam sobre as pesquisas feitas, contudo, no decorrer das aulas, a empolgação foi diminuindo, os alunos se cansaram, pois o levantamento prévio não tinha fim. De todas as aulas observadas, não vi a leitura acontecer. A interação professor/ aluno, observadas no início das primeiras aulas, teve fim dando espaço a conversas paralelas e indisciplina, “se não há nada para aprender, se aborrecem e deixam de prestar atenção” (SMITH, 1999, p.14).

Considerando as observações das práticas pedagógicas dos professores, dos instrumentos de leitura utilizados por eles, das análises das produções de textos e dos diálogos ocultos em sala de aula, dificuldades na condução da leitura, percebi que as professoras não dominavam conceitos fundamentais sobre leitura e produção de textos. Resolvi, então, planejar uma orientação pedagógica para os professores envolvidos, entendendo ser necessário auxiliar os professores a atuarem em suas salas de aula de forma a favorecer melhores condições para o desenvolvimento dessas capacidades, pois o papel mediador do professor para a formação do leitor e escritor é fundamental, por ser ele o adulto mais próximo e experiente em sala de aula.

Percebi que não bastava o conhecimento de novas teorias, mas um trabalho de reflexão sobre sua prática, que conduziria a mudanças e tomadas de decisões, pois o professor ao pensar sua própria prática, pode modificá-la inconscientemente. Ainda segundo Smith (1999), o professor precisa compreender, saber o suficiente sobre o que vai ensinar. O que verifiquei com as análises dos questionários é que as professoras têm a formação inicial em Letras, entretanto, a formação contínua fica a critério da Secretaria de Estado da Educação de São Paulo e estas são esporádicas.

Então, elaborei um texto e orientei-as em 06 HTPCs, dividida em três momentos, para assim refletir sobre as dificuldades observadas em sala de aula e ainda momentos antes de cada aula para planejamento e replanejamento das atividades.

1.1 A INTERVENÇÃO

1º MOMENTO A LEITURA
--

Nesse primeiro momento, foi abordado:

- **Planejamento do momento da leitura e da produção de textos**, que de acordo com Andrade (2004), tratando-se do ensino da leitura e da escrita, para que esse planejamento ocorra com autonomia, é necessário que o professor tenha tais práticas incorporadas em seu horizonte de experiências cotidianas.

- **Professor: o mais experiente nesse processo**. Ainda Andrade (2004) salienta que um bom professor de língua deveria ser um bom leitor, de modo que as experiências com a leitura, o conhecimento e o prazer da literatura constituíssem a experiência de docente e assim, permitisse a sua autonomia e de seus alunos.

- **A Leitura e a escrita na história:** diferenças entre decodificação e leitura significativa.

- **Estratégias de leitura de Isabel Solé**, antes, durante e depois da leitura a partir de um texto que fazia parte da proposta aplicada em sala de aula.

Nessa etapa do trabalho, ainda refletimos sobre o tempo necessário para cada atividade e que este tempo já deve estar previsto no planejamento da atividade. Ressaltando que nenhuma etapa pode demorar muito para não cansar o aluno e afastá-lo do objetivo proposto pelo professor.

2º MOMENTO

A PRODUÇÃO DE TEXTOS

Nesse momento, discutimos sobre:

- O tecer do texto x a folha em branco
- Redação X Produção de textos, qual a diferença?
- Operações intelectuais para escrever, segundo Geraldi (1997)
 - a) Se ter o que dizer
 - b) Se ter uma razão para dizer o que tem a dizer
 - c) Se ter para quem dizer o que tem a dizer
 - d) O locutor se constitua como tal, como sujeito que diz o que diz para quem diz
 - e) Se escolham as estratégias para realizar (a), (b), (c), (d).
- A interação e interlocução em sala de aula X intertextualidade
- Estrutura da Narrativa – A Teoria de Propp (1984)
- Proposta de produção de textos e intervenção.

3º MOMENTO

ELABORAÇÃO DE UMA PROPOSTA DE LEITURA E PRODUÇÃO DE TEXTOS

No terceiro momento, foi elaborada uma proposta de leitura e produção de textos para ser trabalhado em sala de aula efetivamente e com significatividade.

Após as reflexões necessárias, cruzando teoria X prática pedagógica, houve a seleção de uma diversidade de textos sobre um mesmo tema, utilizamos as teorias estudadas para prepararmos as atividades a serem aplicadas aos alunos,

salientando sempre que ninguém escreve do nada, há sempre em nosso escrito a voz do outro. Como afirma Geraldi (1997), é preciso ter o que dizer.

Eu esperava que ao final da orientação e da proposta de atividades a serem aplicadas em sala de aulas, as professoras se sentissem mais seguras para buscarem outras fontes de conhecimento sempre que encontrassem dificuldades em suas práticas.

De acordo com Andrade (2004, p.12):

A formação em que se respalda o professor deveria permitir-lhe ensinar aos seus alunos (além do conteúdo): que deveria ser possível, a cada vez buscar o saber que devem ser buscados. Trata-se de um saber prático sobre o próprio conhecimento.

Objetivei nesses momentos de orientação, observar quais suas angústias e dificuldades ao traçarem caminhos para que houvesse uma verdadeira interação e interlocução, possibilitando às professoras autonomia e coerência na relação com os saberes do ambiente profissional e estes pudessem ajudá-las no decorrer de suas práticas pedagógicas.

1.3 LEITURA E PRODUÇÃO DE TEXTOS APÓS A INTERVENÇÃO: NOVO OLHAR

Uma verdadeira viagem de descobrimento não é encontrar novas terras, mas ter um olhar novo. (**Morin**)

Após a aplicação das atividades de leitura em sala de aula, com uma diversidade de textos e gêneros, foi possível, estabelecer-se situações interlocutivas entre professor/aluno/texto, proporcionando à professora um novo olhar sobre a prática e aos alunos, um novo olhar quanto à aprendizagem da leitura e da produção textual no que concerne à estrutura da narrativa e a intertextualidade.

Foram analisadas, nessa etapa, 21 (vinte e uma) produções de textos, com o objetivo de verificar o atendimento dos itens solicitados na proposta: estrutura da narrativa e intertextualidade.

Segundo Jolibert (1944) uma narrativa ideal começa com uma situação instável a qual uma força qualquer irá perturbar, disso resulta um estado de desequilíbrio que se reequilibrará ou não no final da narrativa, mas o segundo equilíbrio jamais será igual ao primeiro. Essa superestrutura dos textos trabalhada em sala de aula foi significativa para o resultado das produções textuais, pois como podemos verificar nos PCNs ninguém escreve do nada, é a partir de modelos, interações e interlocuições efetivas que se terá o que escrever e como escrever.

Dos 21 textos analisados, apenas 01 (um) não foi terminado, todos foram escritos em primeira pessoa (foco narrativo), apresentam títulos vinculados ao tema e uma estrutura da narrativa criativa, com apresentação do meio onde vive logo no seu início, dando margem a um nó (conflito) no desenrolar dos fatos, ficando claro a transformação e o reequilíbrio no seu final .

Enfim...

Os textos produzidos pelos alunos apresentaram coerência com a proposta de texto apresentada e orientações, utilizaram-se dos conhecimentos trazidos por eles, as leituras e as interlocuções em sala de aula para produzi-los, tinham o que dizer. A intertextualidade dos textos lidos esteve presente em todos os textos analisados. Ao ler e analisar os textos, observei também muitas passagens advindas das reflexões em sala de aula.

Foi perceptível, após a análise, a importância de um trabalho efetivo de leitura e o conhecimento do professor e do aluno sobre a estrutura da narrativa, pois se o aluno tiver a oportunidade de conhecer e entender melhor a estrutura e o funcionamento de um texto narrativo, é provável que produzam melhores textos. Notei, na prática que não basta a escola ensinar o tradicional “começo, meio e fim” das histórias narrativas. É preciso mostrar num texto a sua estrutura: o estado inicial (equilíbrio), o conflito (nó) de um texto, o desfecho (reequilíbrio), assim o aluno vai entender de forma mais clara a construção de um texto, ou seja, ele saberá como o fazer.

2. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo principal desta pesquisa pautava-se em investigar as relações entre leitura e produção textual e a verificação dos instrumentos utilizados por professores de “Leitura e Produção textual” e ainda como objetivo específico observar se tais instrumentos e o contexto escolar corroboram para a formação eficiente de alunos leitores e escritores.

Smith (1999) afirma que há dois requisitos básicos para aprender a ler (1) disponibilidade de material interessante que faça sentido para o aluno e (2) a orientação de um leitor mais experiente e compreensivo como um guia. Entretanto, na escola há ainda, apesar de tantas pesquisas sobre o assunto, o ensino da leitura, acrescento aqui também a produção textual sem significação, muita cópia, nenhuma leitura. Interação professor/aluno/texto não esteve presente na sala de aula.

Se o meu objetivo era verificar se os instrumentos de leitura utilizados em sala de aula colaboram para a formação eficiente de alunos leitores e escritores, chego à

conclusão que sim, desde que essas atividades sejam planejadas com materiais de leitura de qualidade, isso só será possível se os professores adquirirem conhecimentos teóricos – metodológicos sobre a leitura (estratégias de leitura) e a produção de textos (o quê e como escrever, estrutura da narrativa, utilização de intertextualidades) e ainda saber que estas habilidades apenas serão apreendidas por meio de leituras diversas e intervenção efetiva do professor e estes conhecimentos fazerem com que mudem a sua prática pedagógica.

Vou chegando ao final. Aqui constato que ninguém escreve do nada. É necessário incluir nas salas de aulas, atividades efetivas e significativas de leitura e produção textual.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Ludimila Thomé de. **Professores - leitores e sua formação** : transformações discursivas de conhecimento e de saberes. Belo Horizonte: Ceale /Autêntica,2004.

ANTUNES, Irandé. **Muito além da gramática**: por um ensino de línguas sem pedras no caminho.São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARTHES, Roland. **Introdução à análise estrutural da narrativa**. In Análise Estrutural da narrativa. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação**. Porto, 1994.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: língua portuguesa. DF : MEC, 1997.

BRITO, Percival L. **“Em terra de surdos – mudos** (um estudo sobre as condições de produção de textos escolares)” . In O texto na sala de aula. Cascavel: Assoeste, 1984.

CHIAPPINI, Lígia. Aprender e ensinar com textos didáticos e paradidáticos, v.2. S.Paulo: Cortez, 1997.

CARNOY, Martin. **A vantagem acadêmica de Cuba:** por que seus alunos vão melhor na escola. São Paulo: Ediouro, 2009.

CHIAPPINI, Lígia. (org.) **Aprender e ensinar com textos didáticos e paradidáticos.** São Paulo: Cortez, 1997.

CITELLI, Beatriz. **Produção e leitura de textos no ensino fundamental.** 3.ed. São Paulo: Cortez, 2003.

CONDEMARIN, Mabel; MEDINA, Alejandra. **Avaliação autêntica:** um meio para melhorar as competências em linguagem e comunicação. São Paulo: Artmed, 2005

FOUCAMBERT, Jean. **A criança, o professor e a leitura.** São Paulo: Artes Médicas Ltda, 1997.

_____ **A leitura em questão.** Porto Alegre: Editora Artes Médicas, 1994.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler:** em três artigos que se completam. São Paulo: Editora Cortez, 2008.

.GANCHO, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas.** 7. ed. São Paulo: Editora Ática, 2002.

GARCIA, Edson Gabriel. **A leitura na escola de 1º grau:** por uma outra leitura da leitura. São Paulo: Edições Loyola, 1992.

GERALDI, João Wanderley. (org.). **O texto na sala de aula.** 3. ed. Cascavel: Assoeste, 1984.

_____ Da redação à produção de textos. In: CHIAPPINI, Lígia. **Aprender e ensinar com textos de alunos**, v.1. São Paulo: Cortez, 1997.

_____ **Portos de Passagem.** 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997

GERALDI, João Wanderley, CITELLI Beatriz . **Aprender e ensinar com textos de alunos.** São Paulo: Cortez, 1997.

GOULEMOT, Jean Marie. “Da leitura como produção de sentidos”. In: CHARTIER, Roger. **Práticas de leitura.** São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

GUEDES, Paulo Coimbra. **Da redação à produção textual:** o ensino da escrita. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

JOLIBERT, Josette. **Formando crianças leitoras**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

_____. **Formando crianças produtoras de textos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

_____. **Além dos muros da escola**: a escrita como ponte entre alunos e comunidade. Porto Alegre: Artes Médicas, 2006.

_____. **Transformando a formação docente**: uma proposta didática em Pesquisa-ação. Porto Alegre: Artimed, 2007.

KAUFMAN, Ana Maria ; RODRIGUEZ, Maria Elena. **Escola, leitura e produção de textos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

KLEIMAN, Ângela. **Oficina de leitura**: teoria e prática. 6.ed. São Paulo: Pontes, 1998.

_____. **Texto e leitor**: aspectos cognitivos da leitura. 5.ed. São Paulo: Pontes, 1997.

LEAL, Leiva de Figueiredo Viana, **A formação do produtor de textos na escola**: uma análise das relações entre os processos interlocutivos e os processos de ensino. In: VAL, Maria da Graça Costa ; ROCHA, Gladys. Reflexões sobre as práticas escolares de produção de texto. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

LERNER, Delia. **Ler e escrever na escola**: o real, o possível e o necessário. Porto Alegre: Artmed, 2008.

MELLO, Sueli.A. **Uma reflexão sobre o conceito de mediação no processo educativo. Teoria e Prática da Educação**. Maringá, v.6, n.12, p.29-48, 2003.

PROPP, I. Vladimir. **Morfologia do conto maravilhoso**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1984.

SERCUNDES, Maria Helena Iwamoto. **Ensinando a escrever**. In: Aprender e ensinar com textos de alunos – v.1. São Paulo: Cortez, 1997.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **A produção da leitura na escola**. 2.ed. São Paulo: Ática, 2003.

SMITH, Frank. **Leitura Significativa**. 3.ed. Porto Alegre: Artmed, 1999.

VAL, Maria da Graça Costa [et. Al] . **Avaliação do texto escolar**: Professor leitor/ aluno-autor. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

_____ **Redação e textualidade.** São Paulo: Martins Fontes, 2004.

VAL, Maria da Graça Costa e ROCHA, Gladys.(org.) **Reflexões sobre práticas escolares de produção de texto:** o sujeito autor. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.